



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

JOSÉ ODAILTON DANTAS

A INSATISFAÇÃO PROFISSIONAL NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

SOUSA- PB

2014

JOSÉ ODAILTON DANTAS

A INSATISFAÇÃO PROFISSIONAL NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba,
em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado
da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção
do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª Maria de Fátima Ferreira de Araújo

Sousa-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D192i Dantas, José Odailton.
A Insatisfação profissional no exercício da docência
[manuscrito] / José Odailton Dantas. - 2014.
34 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira de Araújo, PROEAD".

1. Docência. 2. Escola pública. 3. Insatisfação profissional.
4. Educação. I. Título.

21. ed. CDD 370

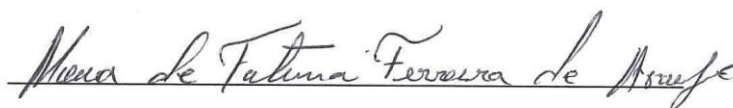
JOSÉ ODAILTON DANTAS

A INSATISFAÇÃO PROFISSIONAL NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

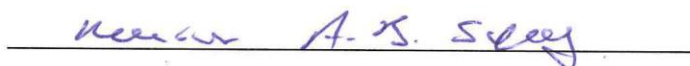
Aprovada em 16/09/2014

Banca examinadora:



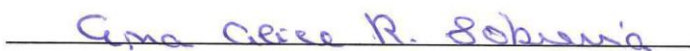
Prof.^a Dra. Maria de Fátima Ferreira de Araújo / UEPB

Orientadora



Prof. Dr. Marcos Antônio Barros

Examinador



Prof.^a Dra. Ana Alice R. Sobreira

Examinadora

DEDICATÓRIA

A toda minha família, pelo apoio e confiança que depositaram em mim, aos meus filhos Dácilla Jamily e Daniel João, razão pela qual tenho forças para trabalhar, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus que enviou seu Espírito Santo, iluminando minhas ideias, para que pudesse concluir esse trabalho;

Aos meus pais: Otacílio Lino Dantas e Raimunda Maria de Albuquerque Dantas, que sempre apoiaram e acreditaram em mim, proporcionando condições na medida do possível para que eu pudesse ter êxito na minha vida estudantil;

A minha esposa que contribuiu bastante para que pudesse concluir essa especialização, dando força e ajudando na medida do possível;

Aos amigos de minha cidade que faziam o mesmo trajeto que eu todos os sábados, passando sempre um ao outro força e coragem, e sempre ajudando nas atividades escolares presenciais e a distância.

A professora orientadora, Maria de Fátima Ferreira de Araújo, e a todos os professores que transmitiram suas experiências durante todo o período da Especialização;

Aos colegas de classe que juntos formamos elos de amizade, companheirismo e de trocas de saberes tornando-nos assim uma extensão da minha família.

“Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.
(Paulo Freire)

RESUMO

Todo trabalho docente exige compromisso e responsabilidade para que possa gerar bons frutos no dia a dia, porém para se obter bons resultados é necessário que se tenha condições para poder executá-lo, quando não se encontra isso há insatisfação e conseqüentemente um grande fracasso. O presente trabalho mostra uma realidade que ocorre na educação, em especial nas escolas públicas. O presente trabalho mostra uma realidade particular da E.E.E.F.M. Prof. Adalberto de Sousa Oliveira na cidade de Cachoeira dos Índios-PB, mostrando o que acontece na educação, já que estas apresentam maiores problemas ou deficiências em todo seu contexto escolar, ou seja, em infraestrutura, como também em outros aspectos extraescolares. No entanto, essa série de fatores contribui para o fracasso, já que causa desmotivação de professores, acarretando assim uma certa insatisfação profissional no exercício da docência. Por conseguinte, podemos comprovar este desconforto observando frequentemente as manifestações dos profissionais da educação por melhores salários e condições de trabalho por meio de protestos, paralisações, greves, etc.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Docência. Insatisfação.

ABSTRACT

All teaching work requires commitment and responsibility so that it can generate good results on a daily basis, but in order to obtain good results it is necessary to be able to execute it, when it is not found there is dissatisfaction and consequently a great failure. The present work shows a reality that occurs in education, especially in public schools. The present work shows a particular reality of E.E.E.F.M. Prof. Adalberto de Sousa Oliveira in the city of Cachoeira dos Índios-PB, showing what happens in education, since these present greater problems or deficiencies in all their school context, that is, in infrastructure, as well as other extracurricular aspects. However, this series of factors contributes to the failure, since it causes teachers' lack of motivation, thus causing a certain professional dissatisfaction in the exercise of teaching. We can therefore prove this discomfort by frequently observing the manifestations of education professionals for better wages and working conditions through protests, stoppages, strikes, etc.

KEYWORDS: Work. Teaching. Dissatisfaction

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Número de alunos matriculados em 2013.....	13
GRÁFICO 2- Resultado final dos alunos matriculados em 2013.....	13
GRÁFICO 3- Grau de insatisfação docente referente à estrutura física da escola.....	24
GRÁFICO 4- Grau de insatisfação docente referente ao auxílio da orientação pedagógica.....	25
GRÁFICO 5- Grau de insatisfação docente referente à participação da família na escola.....	25
GRÁFICO 6- Grau de insatisfação docente referente ao uso de materiais disponíveis para a prática pedagógica.....	26
GRÁFICO 7- Grau de insatisfação docente referente à sua valorização profissional.....	26
GRÁFICO 8- Grau de insatisfação docente referente ao interesse/motivação dos educandos.....	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 DADOS DA ESCOLA QUE EMBASOU A PESQUISA.....	12
3 O TRABALHO E SEU HISTÓRICO.....	14
3.1 Satisfação/insatisfação do profissional docente.....	16
3.2 Ensinar exige reciprocidade e dimensão ética.....	19
4 A LDB (LEI DE DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO NACIONAL) E SEU CONTRASTE.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
ANEXOS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Ao observarmos o processo dinâmico que a educação passa nas últimas décadas sentimos a necessidade de levantar alguns questionamentos sobre as possíveis causas da insatisfação no exercício da docência atualmente. Observamos de forma quase explícita uma certa decadência dessa profissão em decorrência da baixa remuneração, de um desinteresse quase que generalizado da parte dos discentes, além de uma sobrecarga de trabalho, de atividades, quase desumanas, isso em decorrência da carga horária desse profissional que não se restringe apenas ao ambiente escolar, já que é muito comum esse profissional ter que levar, obrigatoriamente, atividades para casa. E assim podemos afirmar que a docência passa a ser uma profissão que exige tempo integral, muitas vezes impedindo que o docente tenha uma vida social comum a outras profissões.

A insatisfação profissional é algo comum a todas as profissões, mas tem sido maximizada na educação pela desvalorização da profissão e pelas mudanças advindas das políticas educacionais que formulam propostas contínuas sobre novas formas de avaliação e novas competências profissionais que obrigam os professores a reagir a elas e adaptar suas maneiras de trabalhar.

Nesse sentido, algumas questões são levantadas em relação ao trabalho do professor: Quais são os fatores que trazem insatisfação no trabalho do professor? Como os professores estão lidando com a falta de motivação e com o desinteresse dos alunos? Será que o relacionamento com os alunos ainda é uma fonte de satisfação? A satisfação no trabalho varia com os estágios na carreira? Essas perguntas preocupam professores, gestores, e especialmente, os pesquisadores.

Muitas questões são levantadas quando se trata da insatisfação do docente, com o intuito de saber quais fatores são geradores da decadência do profissional da educação, em especial, nas escolas públicas.

Estamos sempre na busca de realizações que muitas vezes não sabemos nem mesmos onde e quando encontrá-las. Uma das consequências disso é a sensação de infelicidade, frustração que acaba atrapalhando seus projetos de vida e as conquistas de outros objetivos.

Quando não conseguimos êxito e sucesso nas coisas que planejamos e fazemos, elas perdem o sentido. Não adianta tanta luta, tanta superação, se ao chegar ao topo, você não se sente satisfeito, ou seja, sem que você se realize, seja pessoalmente ou profissionalmente.

A execução de um trabalho em que o profissional se sente realizado, feliz interiormente e repleto de espírito de veneração gera frutos bons, e conseqüentemente, o sucesso. Do contrário, gera mau humor, stress e outras tantas doenças geradas pela insatisfação, acarretando insucesso como conseqüência do conflito do indivíduo consigo mesmo por está inseguro, angustiado, não reconhecido e realizado. Se formos infelizes em nossas atividades, é possível que essa infelicidade continue após o nosso período de trabalho.

Verificando tudo isso na escola que foi tomada como base para a realização deste trabalho será mostrado sua realidade que é também comum a muitas outras escolas no que diz respeito a sua estrutura como um todo, que será visto no decorrer do trabalho apresentado em seus anexos.

2 DADOS DA ESCOLA QUE EMBASOU A PESQUISA

A escola que norteou todo esse trabalho recebe o nome de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Adalberto de Sousa Oliveira, situada na Rua Sérgio Moreira, 45, centro da cidade de Cachoeira dos Índios-Paraíba.

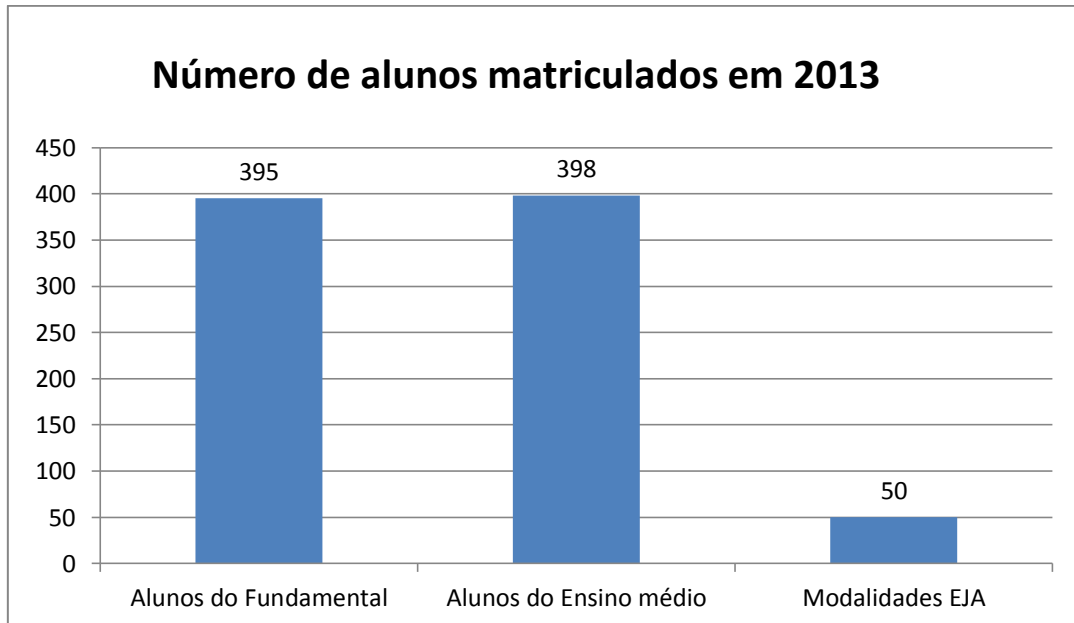
Essa instituição comporta alunos do ensino fundamental I e II e médio, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno, recebendo alunos da sede do município, bem como da zona rural do município, que constituem a grande maioria.

A referida escola tem como objetivo geral no seu plano político pedagógico oferecer ao educando conhecimentos para a vida, no sentido de orientá-los para uma educação permanente, continuada, com os demais agentes envolvidos no processo educativo, principalmente a família, eixo norteador na formação de cidadãos comprometidos com a formação humanística e com o preparo para o futuro mercado de trabalho.

No ano de 2013 (ano tomado por base para a pesquisa), esta escola contava com um número de trinta professores, sendo quinze pertencentes ao quadro efetivo e a outra metade formada por professores contratados, suprimindo a necessidade do estabelecimento de ensino. Os docentes efetivos além de graduados, boa parte possuem pós-graduação, enquanto o quadro de professores contratados é constituído de pós-graduados, graduados e graduandos.

A escola possui dez salas de aula, uma diretoria, uma sala de professores, uma secretaria, uma biblioteca, um laboratório de informática, três banheiros e uma cantina. Pode-se notar que a estrutura física é comprometedor, já que das dez salas de aulas, algumas delas (construídas recentemente) são de pequenas dimensões, dificultando a comodidade de professores e alunos, por elas serem superlotadas. Esta instituição também não dispõe de um ambiente propício para recreação e jogos ou para eventos da escola, ou seja, não há um pátio adequado, um ginásio ou uma quadra poliesportiva para tais realizações comuns a qualquer ambiente escolar. Além disso, muitas vezes faltam materiais pedagógicos para uso diário nas aulas, tais como livro didático para alunos, materiais para xérox, recursos tecnológicos e audiovisuais suficiente para todos os professores.

No referido ano de 2013, a escola recebeu 843 (oitocentos e quarenta e três) alunos, matriculados no início do ano letivo, sendo 395 (trezentos e noventa e cinco) alunos do ensino fundamental I e II, 398 (trezentos e noventa e oito) alunos do ensino médio e 50 (cinquenta) alunos da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos- 2º segmento), como mostra o gráfico abaixo:



(GRÁFICO 1)

Ao final do ano letivo tivemos os seguintes resultados dos alunos que executaram matrícula inicial em 2013 na escola:

Foram aprovados 517 (quinhentos e dezessete) alunos, 89 (oitenta e nove) alunos reprovados, 77 (setenta e sete) alunos transferidos e 160 (cento e sessenta) alunos evadidos, como mostra o gráfico abaixo:



(GRÁFICO 2)

3 O TRABALHO E SEU HISTÓRICO

A origem latina da palavra trabalho está relacionada ao *tripalium*, instrumento de suplício composto por três estacas, isso por que ao longo da História o trabalho tem sido relacionado a esforço físico e cansaço e, em muitas sociedades, constitui uma obrigação à qual os seres humanos deveriam se submeter. Hoje, o trabalho é necessário para se obter uma remuneração e, conseqüentemente, um certo padrão de vida.

Nas antigas Grécia e Roma a base da mão de obra era escrava, constituída geralmente por prisioneiros de guerra ou escravos por dívidas. Uma vez que o trabalho manual era considerado indigno pelas elites, estas se dedicavam às atividades intelectuais, políticas e artísticas.

Na Idade Média, a sociedade europeia era hierarquizada e os trabalhadores, chamados de servos, se encontravam na posição mais baixa da pirâmide social. A função destes era trabalhar para que as camadas mais altas, o clero e a nobreza, pudessem se dedicar a outras atividades, como as batalhas e os compromissos religiosos. Naquela época, nas sociedades feudais europeias, as ferramentas e os meios de produção já se encontravam nas mãos de poucos homens, que transmitiam esses bens por meio de heranças aos seus filhos homens e/ou dotes de casamento para quem desposassem suas filhas. Sendo assim, a maioria da população trabalhava para esses proprietários, numa relação de dominação de classe, da qual ainda somos herdeiros hodiernamente.

Pode-se dizer que o trabalho é a base de todas as sociedades, mas nem sempre teve o valor econômico e social atribuído nos dias de hoje. Nas civilizações pré-históricas o trabalho tinha a função de manter e garantir a reprodução das espécies. Nesse período, o homem vivia em pequenos grupos, sempre nômades praticando uma economia de subsistência, proporcionando poucas mudanças na matéria orgânica subtraída da natureza.

Com o passar do tempo e a evolução das espécies, o homem alcançou novas conquistas, pois foram surgindo várias necessidades. Sendo assim, o homem começou a explorar mais a natureza, plantando, domesticando animais, controlando assim sua alimentação, desenvolvendo materiais de produção, surgindo dessa forma, o trabalho como uma atividade eminentemente social.

Segundo Alberto (2000) e Lunardi (1997), o trabalho é uma das mais importantes maneiras de o homem se posicionar como indivíduo único, é algo que o completa e dá sentido a sua existência, enquanto ser biológico, social, cultural. De acordo com a ideia do autor, o

desenvolvimento e crescimento do indivíduo no trabalho depende das condições que a organização lhe oferece.

Segundo Callínicos (2007) fazendo referência a Marx que afirma que o trabalho tem “caráter dual”, e nesse sentido:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor da mercadoria e, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho humano concreto útil produz valores de uso. MARX (2004 *apud* CALLINICOS, 2007).

É necessário que diferentes tipos de trabalho sejam realizados para atender a demanda da sociedade, seja no que se refere à alimentação, vestuário, transporte e assim por diante. Se cada um produzisse apenas um tipo de produto, logo a sociedade entraria em colapso.

O trabalho do ponto de vista da Sociologia, leva em conta aspectos econômicos e técnicos neles incluídos porque eles são uma dimensão das relações sociais, existindo também relações de poder, hierarquia, conflito e solidariedade entre grupos e pessoas.

Na sociedade moderna e capitalista o trabalho é uma força e pode ser vendida como qualquer outro bem ou mercadoria, ou seja, o trabalho é a energia que se utiliza nas transformações de bens, recursos materiais e serviços, ao passo que a força de trabalho é a capacidade humana para realizar essa transformação.

O sociólogo Swedberg (2003 *apud* BARBOSA et. al. 2012) mostra que a existência de mercados e do trabalho é anterior ao surgimento da sociedade moderna, e existe desde que há trocas e intercâmbio de produtos entre diferentes grupos sociais. A Ágora ateniense, há 400 anos, era um espaço para o mercado e havia também preços fixos para alguns intercâmbios e também um tipo de moeda. Além disso, era uma área que se misturavam lazer, esporte, política e atividades de mercado. Com o decorrer do tempo, e com o comércio a longa distância, foram criados os mercados externos. Na Idade Média, as feiras encontravam-se em terras do senhor feudal, que garantia a segurança dos mercadores em troca de pagamentos de taxas. Com a consolidação dos Estados Nacionais e do comércio à distância essas feiras foram decaindo e surgindo então, os mercados nacionais.

O momento histórico de transição do feudalismo para o modo de produção capitalista marcaram mudanças profundas de cunho institucional que resultaram no chamado capitalismo industrial.

Durante a constituição do capitalismo industrial, no século XVIII, firmou-se o trabalho assalariado, no qual o trabalhador vende sua força de trabalho para uma empresa. Na sociedade moderna, o significado do trabalho e o processo a ele relacionado alteram-se consideravelmente devido as relações laborais, inovações tecnológicas, ambientes de trabalho, sindicatos, etc., solidificando assim o trabalho como pilar sobre o qual se sustenta nossa sociedade e contribuindo para o desenvolvimento das relações sociais e a manutenção e integração entre as pessoas.

3.1 SATISFAÇÃO/ INSATISFAÇÃO DO PROFISSIONAL DOCENTE

A educação tem papel importante na formação humana para a constituição de um homem crítico e autônomo, sendo assim, a preparação desse homem comprometido com a transformação da sociedade deslocando o eixo do mercado para centrá-lo como sujeito histórico os seus sonhos devem encontrar cumplicidade com os educadores.

Nas palavras de Paulo Freire (2000 apud FARIA et. all. 2011) é preciso a ousadia por parte do educador: “ ... para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não a burocratização da mente a que nos expomos.”

A nossa identidade de educador se constitui de múltiplas identidades, pois estamos envolvidos em práticas e espaços sociais tais como: igreja, sindicatos, rituais, família, etc. e tudo isto amplia e matiza as nossas experiências como sujeitos únicos e ao mesmo tempo plurais por abrigar-nos nos diversos modos de estar no mundo, constituindo assim, uma teia de significados imbricados de um repertório de experiências, saberes, que orientam como o professor pensa, age, se relaciona consigo mesmo, com outras pessoas e com o mundo no viver de sua profissão.

Para essa bagagem constituidora da identidade do professor alguns fatores são determinantes:

a) história de vida do professor- os professores são pessoas imersas em uma vida grupal na qual partilham uma cultura, derivando assim seus conhecimentos, valores, ideologias e

atitudes dessas relações em que se coadunam representações sociais e intersubjetivas. A família é o grupo, por excelência, do processo de socialização humana, advindo traços culturais, costumes, crenças, valores e práticas constituidores de nossa autoimagem. As trajetórias de vida dos professores, embora singulares e históricas, apresentam pontos de aproximação, a exemplo das lembranças dos tempos de infância e adolescência constituem importantes pontos de suas relações sociais de que participam hodiernamente.

Estudos sobre a socialização profissional revelam, segundo Nunes (2002, apud FARIAS et. al. 2011) que o ingresso na profissão é definido por diversos fatores, tais como: influência da família, dos ex-professores e a origem social que segundo a UNESCO (2004) evidenciou que a maioria dos professores pesquisados (em um total de 5.000) se classifica como pertencente a classe média baixa. Outro dado importante refere-se à escolaridade de seus pais: 49,5% dos professores têm os pais com o nível fundamental incompleto, seguido de 13,1% com este nível de ensino completo. Na sequência, 3,4% dos pais têm nível médio incompleto, acompanhados de 11,4% que declararam ter completado este nível. Prosseguindo com 15,2% dos pais e mães não têm nenhum grau de instrução, não passando de 5,7% dos pais dos docentes que possuem ensino superior completo e 1,7% aqueles que não terminaram sua formação universitária. Estes dados mostram que vêm crescendo o número de professores oriundos de extratos de baixa renda, que por outro lado preocupa um pouco, uma vez que muitos de nossos professores não têm/tiveram uma bagagem cultural que seja capaz de responder aos anseios da nova clientela escolar dos dias de hoje.

b) formação- é um dos contextos de socialização que possibilita ao professor reconhecer-se como um profissional nas suas relações de saberes e no exercício da docência. O conceito de formação é polissêmico no sentido de requerer uma formação inicial e de uma continuada, uma vez que o professor deve ser/estar envolvido de modo ativo no sentido de desenvolver uma atitude de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomente sua mudança para romper com parâmetros fixos e determinados, que muitas vezes estão dissonantes com o alunado dos dias atuais. A maturidade profissional, cultural e ética do professor fomenta a reflexão acerca da ação pedagógica que o docente executa norteadas por saberes e fazeres da docência numa dimensão social, cultural e histórica que cerceia o cenário escolar, este espaço fornece um arcabouço ideológico e pedagógico sobre o qual o docente elabora sua identidade.

c) formação pedagógica- o professor se define pelo trabalho que executa na escola que é o espaço micro da totalidade do contexto social e histórico em que ele exerce com plenitude sua ação de transformação. A multidimensionalidade do trabalho educativo requer do professor decisões complexas e diversas de natureza política, pedagógica e que muitas vezes extrapolam o espaço escolar. Tais decisões envolvem crenças, valores, hábitos e normas que determinam este grupo social em uma cultura docente. Tal cultura reclama um espaço de abertura e de indagação crítica e sistemática por parte do docente, exigindo deste a condição de aprendiz, de alguém que está sempre em mudança no processo de crescimento como pessoa e profissional. Tais mudanças envolvem ações críticas, políticas, éticas de todos que compõem o contexto educativo, e o professor precisa estar à frente dessas perspectivas no embate ao individualismo, a padrões narcisistas, competitivos, e consumistas que cerceiam os sujeitos fazedores do espaço escolar.

Espaço e tempo aliados à reflexão e a prática pedagógica do professor requer vontade política daqueles que deliberam iniciativas de formação de professores para que o discurso e a realidade docente se coadunem.

No tocante a tudo isto, a satisfação docente é algo que está relacionado a aspectos como salário, benefício, reconhecimento, coleguismo e outros fatores que condicionam o bem-estar no ambiente de trabalho.

Conforme Dawis & Newstrom (1992), a satisfação no trabalho é um conjunto de sentimentos favoráveis ou desfavoráveis com os quais os empregados veem seu trabalho. Nesse sentido, a satisfação/insatisfação, assim como qualquer outra atitude, agrupa um conjunto complexo de cognições, emoções, sentimentos, percepções e avaliações que determinam ou influenciam as tendências comportamentais.

Assim como os outros tipos de trabalhos sofreram mudanças, transformações na história, o trabalho docente também sofreu modificações. O exercício da docência se constitui em um conjunto de ações específicas que são empreendidas pela pessoa do professor nas suas atividades profissionais. O docente desempenha um papel importantíssimo na sociedade, já que este condiciona a formação dos cidadãos para a vida.

Entretanto, a Educação, instituição na qual o professor desempenha suas atividades profissionais, passa por várias transformações, embora venha se desenvolvendo há algum tempo.

Segundo Nóvoa (1991, p. 20), essa crise provoca um mal-estar nos professores cujas consequências “estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevado índice de absentismo e de abandono, insatisfação profissional trazida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante”. De modo geral, pode-se dizer que essa crise é resultado, principalmente, das transformações que ocorrem na sociedade e que alteram o sentido do trabalho docente e também do processo através do qual a profissão se desenvolveu e de modo como está organizada.

Para Alves (1997, p. 84) a satisfação do trabalho do professor refere-se a um “estado geral emocional positivo, associado ou adequado às recompensas intrínsecas auferidas do trabalho com os alunos, ou associado aos diferentes papéis ocupacionais que os professores desempenham.”

A insatisfação pode ser definida como carência ou deficiência relacionada aos processos e a política administrativa da empresa ou instituição; as condições físicas do trabalho, planos de carreira e benefícios, relações interpessoais, salário, progressão na carreira profissional, segurança, entre outros.

3.2 ENSINAR EXIGE RECIPROCIDADE E DIMENSÃO ÉTICA

Muitas vezes o que acontece em sala de aula é diferente ou não corresponde as experiências e/ou expectativas do educando e isso gera um certo conflito tanto para o professor quanto para o aluno. Surge então o questionamento: Qual é o verdadeiro objetivo que deve ser alcançado em sala de aula pelo educador para que haja um entrosamento e uma aceitação recíproca por parte do educando?

Confirmando com essa concepção pode se concordar com Paulo Freire (1996, p. 34) quando ele diz: “Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o rediz em lugar de desdizê-lo.”

Situando essas dificuldades na educação pode-se atribuir um certo desconforto ou insatisfação no ensino da língua materna, pois há uma grande deficiência do educando na compreensão e interpretação de textos de diversos gêneros textuais discursivos por falta de hábitos de leitura de modo geral que acarreta uma escrita também deficiente. Com a falta e

desmotivação de leitura e o próprio desinteresse do aluno há um comprometimento ainda mais para a aprendizagem, deixando o educador num dilema: O que ensinar nas aulas de Língua Portuguesa? Gramática, Literatura, Produção de textos diversos, Leitura, etc., ou tudo isto de modo articulado com as novas metodologias e com um olhar mais preciso para as novas mídias como suportes para o ensino da Língua Materna, tornando assim, as aulas mais atrativas para que os alunos sintam a necessidade de tal componente curricular.

Além disso, as orientações pedagógico-didáticas e curriculares ainda exigem conteúdos que devem ser ministrados durante o ano letivo e que nem sempre resulta numa aprendizagem efetiva. Muitas vezes, é uma realidade no ensino do componente curricular de Língua Portuguesa que não condiz com práticas pertinentes e esperadas pelos educandos.

Ressaltando isso, diz Neder (1992, *apud* TRAVAGLIA, 2009; p. 102):

“... a gramática é dada para se cumprir um programa previamente estabelecido sem levar em conta as dificuldades ou não dos alunos num emprego que fazem efetivamente da linguagem, nessa ou naquela ocasião, num processo de interação verbal.”

Neste sentido, surge a pergunta: Para que se usa a gramática que é ensinada na escola? O referido autor, responde com base em pesquisa, que a maioria dos professores pesquisados informaram que é para o melhor desempenho linguístico, como “falar e escrever melhor” ligado ao sucesso da vida prática. Em outras palavras, o ensino de gramática em nossas escolas brasileiras está arraigado à concepção de ascensão social e ao sucesso em concursos públicos. Muitas vezes o ensino de gramática na escola serve só para cumprir o programa com exercícios, desligando assim o verdadeiro ensino de uma concretização maior sobre a reflexão sobre língua. E encontrar esta reciprocidade entre os conteúdos de Língua Portuguesa e os verdadeiros anseios de nossos educandos em relação às aulas, não é uma tarefa muito fácil para o professor de Língua Portuguesa.

Na visão de Marques (1992 *apud* FARIAS, 2011) a vida só é humana na medida em que vivida entre os homens, em permanente referência a eles, no espaço público da palavra e ação. O homem como sujeito de relações compartilham valores e normas intencionando qualificar suas relações sociais. Como ser social o homem busca orientar seu comportamento

por uma ética e uma moral, aqui são correlatas no sentido de costume, hábito. E é com base nos costumes que os homens constroem regras, como as leis, os princípios.

Sendo assim, a ação docente é constituída de relações: ela age sobre e com seres humanos. A ética na docência se sustenta no fato de esta profissão está voltada para a formação de outras pessoas e o ato de ensinar envolve uma atividade interativa entre o professor, os alunos e o conhecimento instituindo um caráter intencional e organizado. O ensino põe em relação sujeitos distintos com propósitos diferentes, permeado muitas vezes de conflitos e resistências e o professor precisa de um posicionamento que envolve decisões de caráter político-ideológico suscetíveis de afetar a concepção de vida e de mundo do educando.

É salutar a dimensão ética na prática docente tanto nas interações entre sujeitos quanto nas interações socioinstitucionais. No que concerne às interações de pessoas, a dimensão ética se faz presente nas relações entre professores e alunos, professores e pais, os próprios docentes e seus pares, além destes com os gestores e os demais profissionais que compõem o espaço escolar.

A relação professor e aluno em sala de aula exige: um tratamento equitativo, mediação de expectativas individuais e coletivas, disponibilização simbólica dos saberes, escolha das técnicas de ensino e os meios de avaliação. Neste amálgama de relações há implicações em decisões éticas por parte dos docentes para um melhor aproveitamento por parte dos educandos.

O professor é quem responde de forma direta pelo que deve ser ensinado aos alunos, deliberando sobre sua sequenciação, abrangência, profundidade e pertinência, assim como dispor dos melhores meios para promover o aprendizado. O professor não deve esquecer que é preciso valorizar as experiências dos educandos sem deixar de possibilitar uma interpretação mais crítica de tal conhecimento, permitindo assim a voz do aluno ecoar na construção do aprendizado.

Já as relações éticas socioinstitucionais, segundo Araújo (2004 apud FARIAS et. al. 2011) fazem referência aos relacionamentos decorrentes da condição profissional do professor (como categoria, corporação) com as instituições educativas (formais e com uma intencionalidade definida) e com as expectativas sociais vigentes nos planos e na legislação educacional. O referido autor menciona também as diretrizes ético-profissionais: a) valorização do profissional docente, sua dignificação no sentido de fazer valer seus direitos e

deveres baseados numa autocrítica profissional; b) detalhamento das relações dos profissionais da educação com as instituições, no sentido de vez e voz aos professores na construção do projeto educativo da escola e na sua dinâmica administrativo-pedagógica; c) a significação social da educação escolar, implicando para o professor a sua prática pedagógica nas intencionalidades educativas manifestas nos planos e na legislação vigente.

No tocante a tomada de decisões o professor evidencia a natureza crítico-reflexiva de sua ação, não se restringindo a problemas de sala de aula, a sua ação se estende ao campo político, cultural, econômico da escola na sociedade explicitando como estes enfoques refletem no trabalho dos professores e na forma como a sociedade concebe a função social destes profissionais.

4 A LDB (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL) E SEUS CONTRASTES

É notório ver o contraste no tocante ao que diz a lei maior LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e o que encontramos, efetivamente de fato no ambiente escolar, quando no Título II(Dos Princípios e Fins da Educação Nacional, no artigo 3º: inciso I) que determina: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; enquanto que os incisos VII e IX instituem valorização do profissional da educação escolar e garantia do padrão de qualidade, respectivamente.

Garantir a permanência dos educandos na escola na idade certa é um desafio tanto para os que fazem o espaço escolar quanto para os gestores públicos, pois envolvem fatores de condições familiares, uma vez que muitos abandonam a escola para trabalhar, no intuito de ajudar a manutenção da família. A juventude vivencia um paradoxo em relação a escola no sentido de saber de sua importância, mas ao mesmo tempo não consegue conciliar com o mercado de trabalho. O descompasso entre escola e os jovens não deve ser visto como decorrente, de tal suposta incompetência da escola, nem tampouco de um total desinteresse dos alunos. É preciso analisar as transformações sociais que os jovens enfrentam nesta mudança de século, sendo que os mesmos trazem consigo para o ambiente escolar as marcas profundas de desigualdade social que dilacera muitos deles para outros ambientes, sendo que muitas vezes, a escola e o governo não percebem isto, no sentido de buscar medidas corretivas e urgentes para amenizar tamanho descalabro.

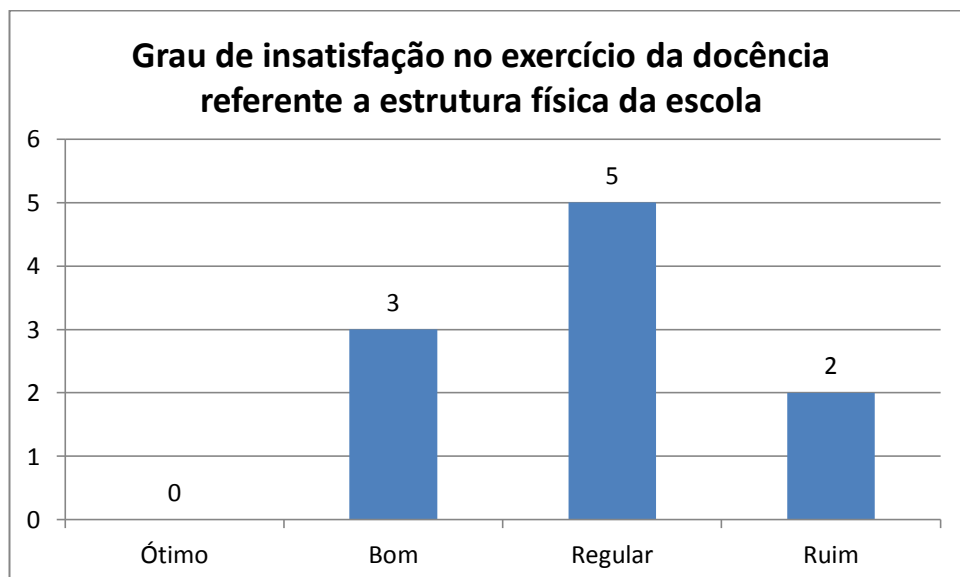
Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, o censo de 2000 mostra que 47,6% dos jovens da Região Sudeste entre 15 e 17 anos frequentavam o Ensino Médio; no Nordeste apenas 19,9%, enquanto que a média nacional era de 35,7%. Diante do exposto, torna-se premente que as escolas, ao desenvolverem seu Projeto político pedagógico, se debruçam sobre algumas questões: Que características sócio-econômica-culturais possuem os jovens que frequentam as escolas de Ensino Médio neste país? Quais os pontos convergentes e divergentes na relação professor-aluno? Quais experiências os jovens constroem fora do ambiente escolar e o que os mesmos esperam da Instituição Escola? Quais as articulações entre interesses pessoais, projetos de vida e experiência escolar são trabalhadas em nossas escolas? Em que aspectos professores, gestão escolar, coordenadores pedagógicos e governo não estão respondendo as expectativas do alunado no sentido dos jovens permanecerem frequentando a Educação Básica em nosso país?

São muitas as perguntas e poucas as respostas, diante de tantos dilemas enfrentados por nossos jovens contemporâneos em suas relações com o espaço escolar, a saber: crise de identidade; falta de autoestima e desinteresse; falta de políticas públicas efetivas direcionadas para os nossos estudantes; falta de conciliamento dos jovens entre a escola e trabalho, professores mal remunerados e, conseqüentemente um ensino precário; falta de espaço aconchegante dentro das escolas,...

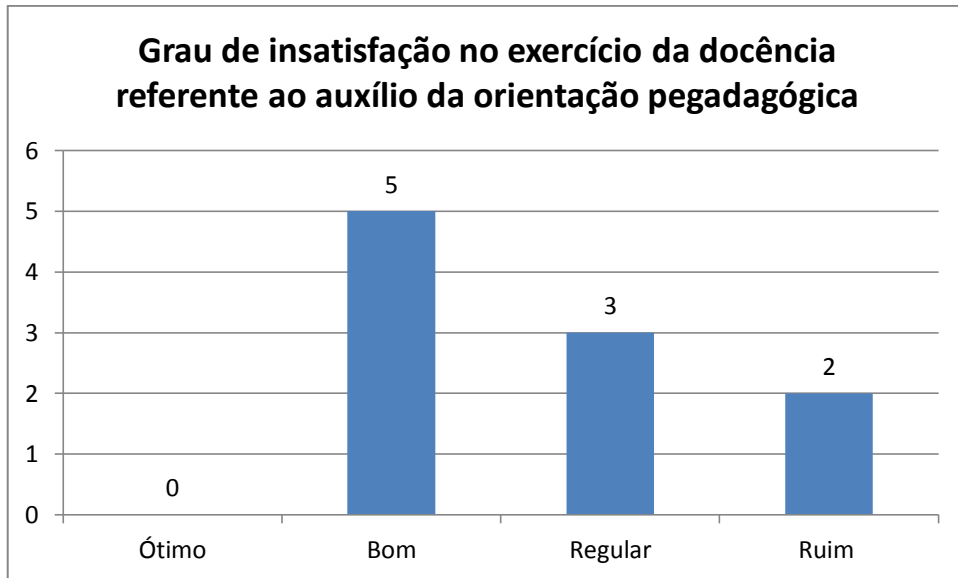
Um fator merece destaque, dentre tantos, é a valorização do profissional da educação que envolve tanto fatores salariais quanto condições de trabalho. Esses dois fatores são cruciais para que o processo de ensino-aprendizagem se torne prática real para ensinar nos educandos a transmissão do conhecimento de forma prazerosa e com utilitarismo.

Como sabemos que a educação básica é direito universal e alicerce indispensável para o exercício pleno da cidadania, o sujeito aprende a constituir a sua identidade em meio a transformações corporais, afetivas, socioemocionais, cognitivas e socioculturais sempre procurando respeitar as diferenças de crenças, opção política e religiosa, orientação sexual, entre outras, e a escola é a principal responsável neste processo de garantir estas liberdades na promoção da pluralidade.

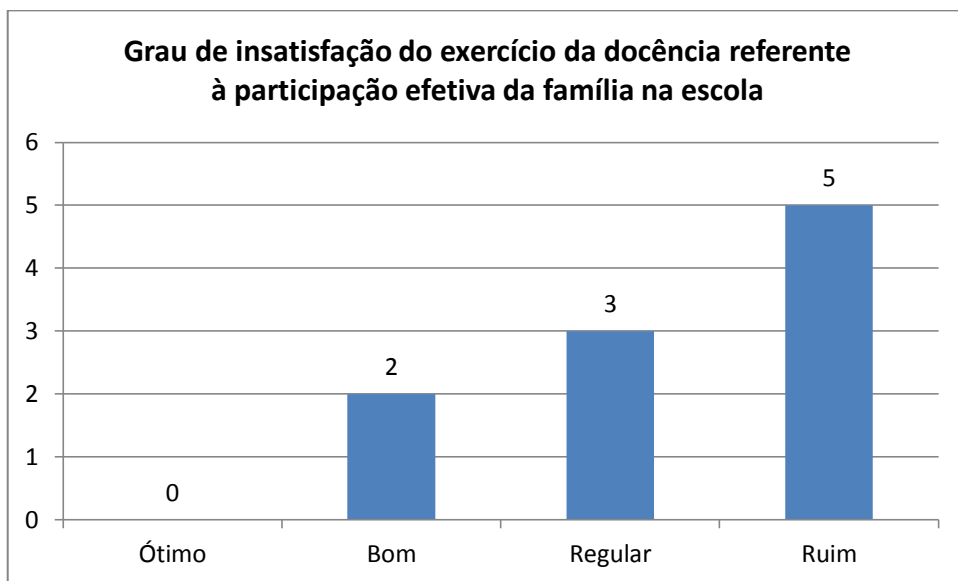
Diante do exposto, essa é a realidade de quase todas as escolas públicas brasileiras, e para comprovar essa insatisfação profissional no exercício da docência, podemos ver nos gráficos abaixo o resultado de uma entrevista feita com professores da E.E.E.F.M. Prof. Adalberto de Sousa Oliveira:



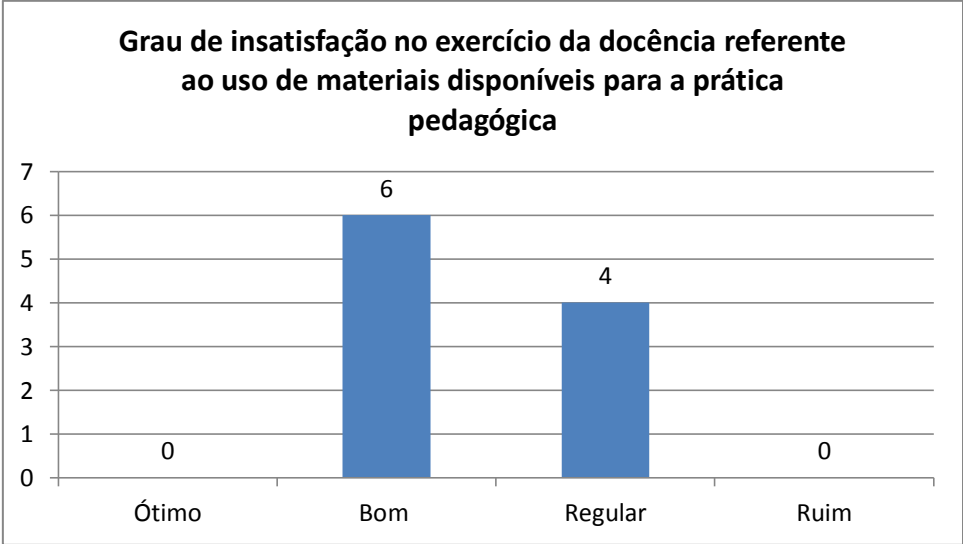
(GRÁFICO 3)



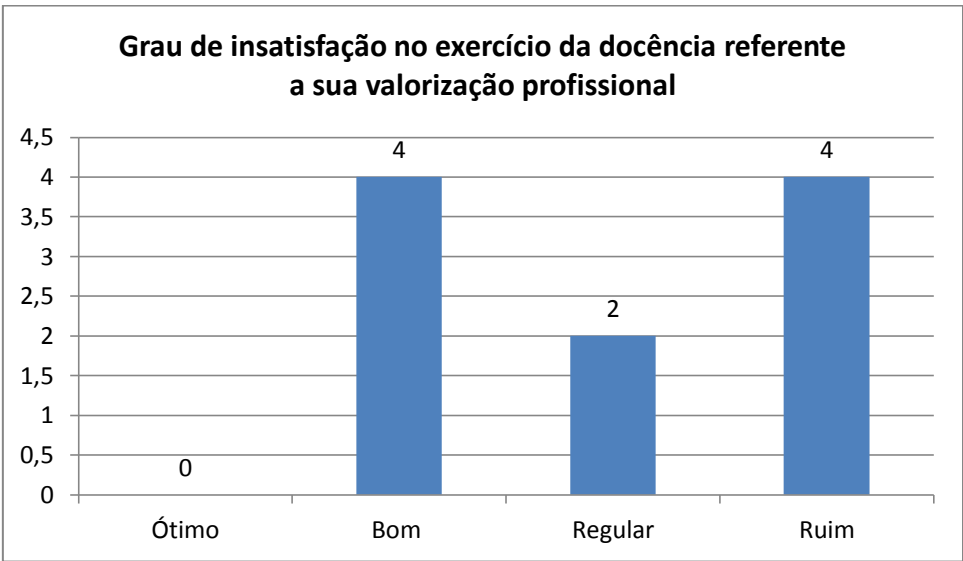
(GRÁFICO 4)



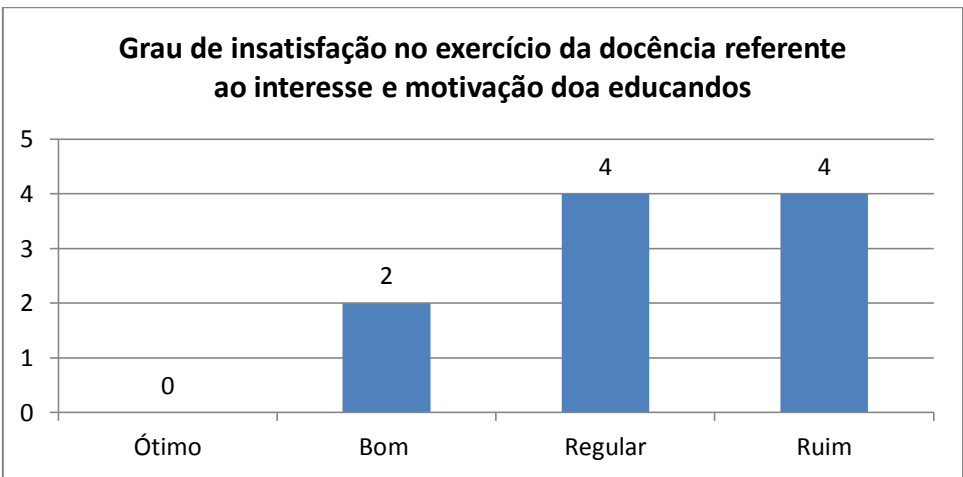
(GRÁFICO 5)



(GRÁFICO 6)



(GRÁFICO 7)



(GRÁFICO 8)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar durante toda a temática apresentada, que o trabalho, seja ele qual for, para se obter bons resultados é necessário que se dê condições a todos os envolvidos, do contrário, podemos ter grandes problemas gerando assim, grandes fracassos.

A insatisfação docente é motivada por uma série de fatores: violência por parte dos alunos contra professores, stress, autodesvalorização, falta de condições de trabalho, pouco interesse dos alunos diante do conhecimento, estrutura física precária de muitas escolas, absentismo de muitas famílias diante da escola, e principalmente, a desvalorização salarial do magistério e a falta de reconhecimento social da profissão docente hodiernamente.

Pode-se notar que a realidade e essa garantia dada pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) não acontece efetivamente, haja vista que o que se vê a cada dia, são movimentos, protestos, paralisações e até mesmo greves na educação visando melhorias no que diz respeito à valorização profissional e a melhores condições de trabalho que vai desde a educação básica até o ensino superior, enfim só a criações de leis não bastam, é preciso que os governos em todas as esferas façam acontecer e o ministério público deverá fazer cumprir o que manda a LDB para que possamos melhorar a qualidade da Educação no Brasil.

Tratamos em especial de um tema relacionado à Educação que foi a insatisfação profissional no exercício da docência, mostrando algumas causas que fazem com que o professor muitas vezes no seu trabalho lute por melhores condições no seu dia a dia, como também fique todo tempo pensativo e a refletir como e o que devemos fazer para melhorar os resultados obtidos dessa sua difícil missão, na qual se depara com muitas situações que o desestimule. Por conseguinte, podemos ver também através da pesquisa as consequências de um trabalho sem consonância com todos os membros envolvidos, no caso da escola apresentada, ou seja, que não se consegue alcançar bons frutos quando as condições oferecidas no trabalho são deficientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. C. A (in) satisfação dos professores: estudo de opiniões dos professores do ensino secundário do Distrito de Bragança. In: ESTRELA, M. T. (org). **Viver e construir a profissão docente**. PORTO: Porto Ed., 1997. p.81-116.

ARAÚJO, Sílvia Maria de. [et. al.] **Sociologia**: volume único: ensino médio. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 2013.

BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira et. all.. **Conhecimento e imaginação: sociologia para o ensino médio**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Da Educação Básica**. Brasília, 2013.

CALLÍNICO, Alex. Introdução ao capital de Karl Marx. In: **Revista espaço Acadêmico**. Nº 38, Julho de 2004, Mensal. Correio electrónico:
[HTTP://www.espacoacademico.com.br/a_tclassico.htm](http://www.espacoacademico.com.br/a_tclassico.htm)

CARLLOTO, Mary Sandra. A síndrome de Burnout e o Trabalho Docente. In **Psicologia em estudo**. Maringá, V. 7, P. 21-29, Janeiro/Junho de 2002.

CHIAVENATO, I. **Recursos Humanos**. São Paulo 2ª edição, Atlas, 1992.

CORDEIRO- ALVES, F. Estudo da satisfação / insatisfação dos professores efetivos do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário do distrito de Bragança. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1991.

DAVIS, K. & NEWSTROW, J. W. **Comportamento Humano no Trabalho**. V.1. São Paulo: Pioneira, 1992.

EARNEST, R. Acher. O Mito da Motivação. In BERGAMINI, Cecília W. & CODA, Roberto (org). **Psicodinâmica da Vida Organizacional: Motivação e Liderança**. São Paulo, Atlas editora, 1997, 2ªed. P. 23 – 46.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de.[et. al.] **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3. Ed. Brasília: Líber Livro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 34. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LDB. 8 ed. 2013 (disponível em <http://bd>. Câmara. Leg. Br / acesso em: 14/06/2014).
TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXOS

Foram entrevistados dez docentes e segue em anexo um pequeno questionário como demonstração da realidade de satisfação/insatisfação no trabalho docente:

Entrevista com docentes da EEEFM. Professor Adalberto de Sousa Oliveira.

1) Qual o seu grau de satisfação no exercício da docência no que se refere á:

1.1. Estrutura física da escola em que trabalha?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.2. Auxílio de orientação Pedagógica?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.3 Participação efetiva da Família na escola?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.4 Materiais de uso na prática pedagógica?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.5 Valorização profissional?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.6 Interesse e motivação dos educandos?

Ótimo Bom Regular Ruim

Entrevista com docentes da EEEFM. Professor Adalberto de Sousa Oliveira.

1) Qual o seu grau de satisfação no exercício da docencia no que se refere á:

1.1. Estrutura física da escola em que trabalha?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.2. Auxílio de orientação Pedagógica?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.3 Participação efetiva da Família na escola?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.4 Materiais de uso na prática pedagógica?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.5 Valorização profissional?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.6 Interesse e motivação dos educandos?

Ótimo Bom Regular Ruim

Entrevista com docentes da EEEFM. Professor Adalberto de Sousa Oliveira.

1) Qual o seu grau de satisfação no exercício da docencia no que se refere á:

1.1. Estrutura física da escola em que trabalha?

() Ótimo Bom () Regular () Ruim

1.2. Auxílio de orientação Pedagógica?

() Ótimo Bom () Regular () Ruim

1.3 Participação efetiva da Família na escola?

() Ótimo () Bom Regular () Ruim

1.4 Materiais de uso na prática pedagógica?

() Ótimo Bom () Regular () Ruim

1.5 Valorização profissional?

() Ótimo () Bom Regular () Ruim

1.6 Interesse e motivação dos educandos?

() Ótimo () Bom Regular () Ruim

Entrevista com docentes da EEEFM. Professor Adalberto de Sousa Oliveira.

1) Qual o seu grau de satisfação no exercício da docencia no que se refere á:

1.1. Estrutura física da escola em que trabalha?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.2. Auxílio de orientação Pedagógica?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.3 Participação efetiva da Família na escola?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.4 Materiais de uso na prática pedagógica?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.5 Valorização profissional?

Ótimo Bom Regular Ruim

1.6 Interesse e motivação dos educandos?

Ótimo Bom Regular Ruim

Entrevista com docentes da EEEFM. Professor Adalberto de Sousa Oliveira.

1) Qual o seu grau de satisfação no exercício da docência no que se refere á:

1.1. Estrutura física da escola em que trabalha?

() Ótimo () Bom () Regular (x) Ruim

1.2. Auxílio de orientação Pedagógica?

() Ótimo () Bom (x) Regular () Ruim

1.3 Participação efetiva da Família na escola?

() Ótimo () Bom () Regular (x) Ruim

1.4 Materiais de uso na prática pedagógica?

() Ótimo () Bom (x) Regular () Ruim

1.5 Valorização profissional?

() Ótimo () Bom () Regular (x) Ruim

1.6 Interesse e motivação dos educandos?

() Ótimo () Bom () Regular (x) Ruim